

Eterna busca da linguagem

cineasta e professor da UnB, Geraldo Moraes, pai do roqueiro mirim, André Torres Moraes, 11 anos, percebeu a vocação do filho desde cedo, quando o menino, ao entrar em lojas de brinquedos se dirigia preferencialmente às seções musicais. Os planinhos e baterias consistiam em suas preferências e suas primeiras paixões foram Amelinha e Gilberto Gil.

Geraldo faz questão que André conheça de forma ampla o universo musical e encontre seu caminho. Como pai, seu trabalho educativo é o de não limitá-lo apenas a um tipo de informação. Assim, um conhecimento variado é propiciado ao menino, a partir de conversas e dos gostos musicais variados que circulam pela casa. Uma visão crítica é fundamental: "Não achamos que o menino seja alienado e nem ele acha que a mãe, que canta, está superada por não ter o rock como referência de trabalho".

Na UnB, o professor e cineasta dirige o Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE) e em todos os seus trabalhos o processo de Brasília e da Região Oeste estão presentes. A partir deste ponto de partida, ele dá a sua visão do fenômeno do rock brasileiro:

"As pesquisas e estudos verificam que, a partir da concentração de pessoas em Brasília e na Região Centro-Oeste, que já ocorre há um certo tempo, novos sotaques e conceitos do que seja a figura do brasileiro vem tomando contornos". Sem fazer julgamentos de valor, Geraldo assinala que a manifestação do rock em Brasília acontece espontaneamente na primeira geração da cidade, que hoje está com idade média de 20 anos e que cresceu nos anos da ditadura.

Durante os governos militares o rock e a música estrangeira contavam com o apoio governamental, enquanto a repressão visava as manifestações originais da cultura brasileira. A partir desta base, o professor diz que o que aconteceu com o rock já aconteceu anteriormente com outras manifestações, ou seja, um processo de antropofagia. Deu-se então a assimilação das contribuições do rock na própria música brasileira.

Como exemplo, Geraldo cita a guitarra, que hoje marca presença até mesmo na música sertaneja. Sempre situando seu ponto de vista nos momentos históricos do País, Geraldo



Geraldo não julga o rock — observa o processo

lembra que a importação de tecnologia, da época do "Brasil Grande", trouxe consigo equipamentos eletrônicos que não faziam parte de nossas tradições. Sem preconceitos, ele mostra mais um capítulo na relação do Brasil com os países desenvolvidos.

Hoje, ao enxergar o rock como parte integrante da nova música urbana, com projeções na música do interior, o professor afirma que este ritmo não é só uma manifestação sonora, mas implica em uma forma de vida, com uma série de comportamentos relacionados: A força desta manifestação é tão grande, que em termos de arquétipos se pode caracterizar o atual jovem urbano brasileiro. Jovem que faz a cabeça com o rock e que, dentro dele vive a própria contradição da cultura brasileira, entre a música brasileira e o importado — entre ser brasileiro e latino e o ser primeiro-mundista.

O exemplo vem a seguir, com os Paralamas do Sucesso, que teoricamente é um grupo de rock, mas que também se liga no som latino. Assim, Geraldo pontua que começa a haver a devolução do processo de assimilação. Ele explica que, como na literatura, no cinema e no teatro, o primeiro momento foi de imitação. Depois, o conteúdo assimilado passa a fazer parte do dia-a-dia, toma outro sentido e um novo elemento de composição passa a ser estruturado com os demais componentes tradicionais. Dessa forma, a guitarra, que hoje se encontra no meio urbano e rural brasileiro passa a ter funções diferentes da que tem no rock original. Entender estes pormenores é

entender de maneira ampla a grande geléia geral, que segundo o cineasta, é, em última análise, a cultura brasileira.

INTERROGAÇÃO

Geraldo, para mostrar o processo de modo mais claro, comenta que o vídeo entrou no País como tecnologia importada, que também trazia em seu bojo formas importadas. Hoje, diz ele, a grande questão do vídeo brasileiro é como utilizar esta parafernália, de modo que esta tecnologia seja um recurso a mais para a expressão da vida e da cultura brasileira. O problema não é saber como apertar os botões, nem como analisá-lo em nível teórico ou conceitual, mas sim saber que linguagem é esta e que decisão tomar para se expressar — fazer um vídeo ou uma música?

Para um garoto americano, explica Geraldo, ganhar uma guitarra representa ter nas mãos um instrumento que faz parte de seu universo. Ele não coloca a questão do que fazer com aquilo, porque há toda uma tradição da cultura dele, que faz da guitarra um dado normal. Já para o garoto brasileiro ou um sertanejo que tem nas mãos uma guitarra, este instrumento, no seu primeiro momento, representa uma possibilidade de imitação.

Ao prosseguir sua explanação, o professor diz que, na medida em que o rock é hoje mais um elemento da cultura musical do jovem brasileiro, que coexiste com outros elementos que fazem parte de uma tradição musical diferente, uma questão é colocada: o que fazer com este novo instrumento? E a mutação começa a se instalar.

Esta pergunta, ou esta característica, na visão de Geraldo situa o próprio Brasil, com seus 20 anos de importação. Assim, hoje em qualquer segmento criativo perdura a interrogação: Qual a linguagem ideal para expressar o país que a gente vive? Esta dúvida, segundo o cineasta, tem que ser sanada por cada um, até que um ponto comum seja estabelecido". Na medida em que os criadores vão descobrindo seus próprios caminhos, eles passam também a fazer um intercâmbio das assimilações. O passo seguinte será a troca de experiências regionais e então talvez se chegue ao rock brasileiro e também ao cinema, o vídeo e outras tantas mais expressões nacionais".